

## Vasta Babel – os imigrantes nas ruas do Rio de Janeiro

Celi Silva Gomes de Freitas \*

**Resumo:** A intenção da presente comunicação é prosseguir no trabalho de pesquisa com o objetivo de identificar os textos de literatos como *corpus* documental para o estudo da (i)migração na vida social brasileira. Dessa feita, trazemos da obra de Paulo Barreto, o João do Rio (1881-1921), um conjunto de crônicas reunidas no volume *A alma encantadora das ruas*, no qual são apresentadas situações que envolvem diferentes aspectos das interações sociais entre brasileiros e imigrantes realizadas no espaço urbano carioca durante as primeiras décadas do século passado. Nosso principal enfoque é a questão das alteridades, das práticas e das representações, observadas através do olhar de um *flâneur* cujo movimento de circulação entre as ruas e becos da cidade, resultou na exposição de uma modernidade em fragmentos que ultrapassava o (pre)visível campo da *belle époque*.

**Palavras-chave:** (I)migração – cidade do Rio de Janeiro – João do Rio

**Abstract:** This communication aims to go on carrying out a research directed towards identifying some *literatos*' texts as documentary *corpus* to study (im)migration in Brazilian social life. By now, we bring out from the work of Paulo Barreto, or João do Rio (1881-1921), a number of chronicles from the book *The charming soul of the streets*, which shows an amount of situations and reveals different aspects of social interaction between Brazilian and immigrant people that took place in *carioca* urban space in early nineteenth century. Our main approach is the question of *alteridades*, practices and representations, which was observed through a *flâneur*'s eyes whose walking movement along the streets and alleys of the city produced a broken and over-*belle-époque* modernity view.

**Key-words:**(Im)migration – Rio de Janeiro city – João do Rio

*O Rio pode conhecer muito bem a vida do burguês de Londres, as peças de Paris, a geografia da Mandchúria e o patriotismo japonês. A apostar, porém, que não conhece nem a sua própria planta, nem a vida de toda essa sociedade, de todos esses meios estranhos e exóticos, de todas as profissões que constituem o progresso, a dor, a miséria da vasta Babel que se transforma. E entretanto, meu caro, quanto soluço, quanta ambição, quanto horror e também quanta compensação na vida humilde que estamos a ver.*

João do Rio<sup>1</sup>

A autoria da epígrafe é de João Paulo Alberto Coelho Barreto (1881-1921), mais conhecido pelo pseudônimo de João do Rio. É digno de nota observarmos que a identidade

---

\* Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; professora adjunta do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAP/UERJ.

<sup>1</sup> Trata-se de um fragmento da crônica “Pequenas Profissões”, que está publicada em *A alma encantadora das ruas: crônicas*, obra em primeira edição de 1908.

desse literato carioca abrange outros nomes próprios e pseudônimos, como João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Barreto e Claude, para citarmos apenas dois exemplos utilizados por ele. Para a escrita da comunicação que ora apresentamos, tomamos como fonte a obra *A alma encantadora das ruas*, que reúne textos publicados originalmente no jornal *Gazeta de Notícias* e na revista *Kosmos*, esta editada por Olavo Bilac<sup>2</sup>.

“Vasta Babel – os imigrantes nas ruas do Rio de Janeiro” situa-se nos campos da História e da Linguagem, interdisciplinarmente ligados por conceitos da história social, da história cultural e da análise do discurso. Nesse trabalho, nosso olhar de pesquisadora permanece interessado na identificação de textos de literatos como *corpus* documental para o estudo de aspectos das interações sociais entre brasileiros, brasileiras e imigrantes realizadas no espaço urbano carioca. Buscamos enxergar as trajetórias (BOURDIEU,1996:189)<sup>3</sup> de imigrantes das classes populares nas ruas da cidade do Rio de Janeiro na primeira década do século passado, ao circularem pelos becos, entre os quiosques, nos trens, nos bondes e, como referência, nas páginas dos “quotidianos” (BARRETO, 1914/1956:63)<sup>4</sup> da cidade-capital da República recém-instalada no Brasil.

O contexto da cidade do Rio de Janeiro como centro cultural, político, comercial e populacional do país redundou na principal fonte para os temas sobre os quais João do Rio refletiu, buscando expressar uma cultura política que estivesse referenciada em um espaço urbano mais amplo no qual a rua estava incluída. Da análise desse “campo discursivo” (MAINGUENEAU,1998:19), configurado pelos relatos desse cronista carioca, recortamos um subconjunto, ou um “espaço discursivo” (MAINGUENEAU,1998:20), fundado e articulado por posicionamentos sócio-históricos – ou “formações discursivas” (MAINGUENEAU,1998:67-69)<sup>5</sup> – que mantêm relações particularmente fortes e que foram nomeados pela expressão “vasta Babel”, tomada emprestada de João do Rio e presente no título de nossa comunicação.

No cumprimento da exigência da pesquisa histórica, que não prescinde da tarefa de procurar conhecer as condições de produção, a regularidade e a descontinuidade dos

---

<sup>2</sup> Na edição de nov. 1904 da *Kosmos*, Olavo Bilac escreveu: “A crônica de *Kosmos* deve fixar o estado moral, a ‘crise’ da existência carioca. E seria insensato que, num momento em que toda a cidade sofre, agoniza ou coalesce – só aparecessem nestas páginas suspiros de poetas egoístas, devaneios de lirismo abstrato”.

<sup>3</sup> A noção de “trajetória” considera uma série de “posições” sucessivamente ocupadas num dado momento por uma personalidade designada pelo “nome próprio”. O caso de João do Rio torna-se emblemático, nessa perspectiva, uma vez que ele se apresentava sob diversos nomes e pseudônimos.

<sup>4</sup> Adequadamente, “quotidianos” é outra denominação para “periódicos”, utilizada com frequência por Lima Barreto (1881-1922), um literato carioca contemporâneo de João do Rio.

<sup>5</sup> Uma *formação discursiva* “designa todo sistema de regras que funda a unidade de um conjunto de enunciados sócio-historicamente circunscrito”.

fenômenos estudados, estamos construindo um inventário de imagens dessa “vasta Babel”. Portanto, as imagens que representam as trajetórias dessa “população” adquirem visibilidade através de “formações discursivas” próprias dos “relatos cotidianos” (DE CERTEAU,1994:200) de João do Rio. Das condições de produção dos escritos desse literato, ressaltamos uma prática, “a arte de flanar”<sup>6</sup>: “Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população, (...)” (RIO,1908:5).

Em nossa investigação, ao tomarmos como fonte o discurso desse “homem de letras”, estamos cientes dos limites e das possibilidades dessa escolha. Parece-nos que, no momento atual, o medo da ordem e da desordem do discurso não mais assusta, e a pesquisa histórica já não sofre mais de logofobia (FOUCAULT,2001:30). Ao contrário, há o entendimento da dimensão social, histórica e cultural do discurso (BAKHTIN,1992:36), e da língua como arena de muitas lutas, pois “enquanto houver hierarquia, dominação, exploração, haverá práticas de resistência que deixam traços na língua” (McNALLY,1999:48).

Começamos por destacar uma expressão, encontrada em artigos e crônicas de João do Rio, para contextualizá-la historicamente e, sobretudo, para observar algumas mudanças e permanências que, na capital federal brasileira, (re)produziam um espaço conhecido como *belle époque* tropical. Trata-se da expressão “à espera do Zé-Maria”, muito utilizada por João do Rio para referir-se à morte, ou melhor, “à espera da morte”, como podemos observar na seguinte passagem da crônica “As Mulheres Mendigas”:

- Chamo-me Zoarda. Sou cubana. Vim para o Rio com um pelotari [jogador de bola]. Ao chegar aqui, outro conquistou-me. Fui explorada por ambos. Eram bonitos, eram fortes! Adoeci; eles tomaram outra. Quando saí do hospital só pensava em matá-la!

- A quem?

- A ela, a outra. Fui, entretanto, presa e novamente segui para a Gamboa, onde cheguei a ser enfermeira. Quando de lá saí, roída pela moléstia, estava este trapo à espera do Zé-Maria.

- O Zé-Maria?

- Sim, da morte! (RIO,1908:129)

A Gamboa abrigou uma das primeiras casas de saúde do Rio de Janeiro. Nesse logradouro, foi instalada em 1853 “uma enfermaria para portadores de moléstias infecciosas, de febre amarela inclusive” (GERSON,2000:154), que foi transformada em hospital em 1871. Na passagem, a estratégia do discurso direto produziu o efeito de sentido da polifonia (MAINGUENEAU,1998:108) e, desse modo, a voz de Zoarda se fez ouvir em confissão,

---

<sup>6</sup> Para definir “a arte de flanar”, citamos um trecho da crônica “A Rua”.

quando o cronista ia “pela noite alta (...) para o Largo da Sé, para as beiradas da Santa Casa”. E Zoarda narrou sua trajetória de mulher, imigrante pobre, explorada, doente, à espera da morte.

Na nova ordem republicana, ser pobre e imigrante significava “arcar com uma dupla suspeição” (MENEZES,1996:192). A esses dois atributos desqualificantes, Zoarda ainda acumulava o de ser mulher pública e, acrescentamos ainda, não-européia. Mas não é apenas a sua condição de “indesejável” (MENEZES,1996:189) que foi relatada na crônica de João do Rio. É possível também descobrir na trajetória de Zoarda algumas práticas de resistência. A primeira delas, pela “alteridade” (TODOROV,1999:223), que se expressou por uma ação de distanciamento em relação aos que a maltratavam, produzida a partir do uso dos pronomes “outro”, “outros”, “outra”. Uma segunda prática de resistência é a que, para encobrir a condição de proletária do sexo, atribuiu um juízo de valor positivo para justificar a sua aproximação aos dois homens: “Eram bonitos, eram fortes!”. Como afirmação de uma “simbólica do poder” (BOURDIEU,1997:163), a possibilidade da morte, no entanto, só estava destinada às duas mulheres: à Zoarda e a sua rival.

Sáimos da Gamboa e nos dirigimos à rua do Ouvidor, centro da moda e vitrine da *belle époque* carioca, para nesse espaço observarmos algumas tensões de uma modernidade brasileira que se inspirava em modelos europeus, especialmente franceses:

- Olha, Maria...

- É verdade! Que bonito!

*As duas raparigas curvam-se para a montra, com os olhos ávidos, um vinco estranho nos lábios.*

*Por trás do vidro polido, arrumados com arte, entre estatuetas que apresentam pratos com bugingangas de fantasia e a fantasia policroma de coleções de leques, os desdobramentos das sedas, das plumas, das guipures, das rendas...*

*É a hora indecisa em que o dia parece acabar e o movimento febril da Rua do Ouvidor relaxa-se (...) Os relógios acabaram de bater, apressadamente, seis horas.*

*Há um hiato na feira das vaidades: sem literatos, sem poses, sem flirts. Passam apenas trabalhadores de volta da faina e operárias que mourejaram todo o dia. (...)*

*As raparigas ao contrário [dos operários]: vêm devagar, muito devagar, quase sempre duas a duas, parando de montra em montra, olhando, discutindo, vendo.(...)*

*Elas, coitaditas! Passam todos os dias a essa hora indecisa (...) Que lhes destina no seu mistério a Vida cruel? Trabalho, trabalho; a perdição, que é a mais fácil das hipóteses; a tuberculose ou o alquebramento numa ninhada de filhos.(...)*

*A rua não lhes apresenta só o amor, o namoro, o desvio...Apresenta-lhes o luxo. E cada montra é a hipnose e cada rayon de modas é o foco em torno do qual reviravolteiam e anseiam as pobres mariposas. (RIO,1908:101-102)*

Através de nossa interpretação do fragmento da crônica “As Mariposas do Luxo”, podemos enxergar algumas práticas e representações que evidenciam as relações de dominação simbólica existentes na “vasta Babel”, quando nela incluimos o (des)encontro

entre as suntuosidades importadas e as mulheres humildes, nacionais ou imigrantes. Desde o título, pelo uso da palavra “mariposas” para nomear metaforicamente as “trabalhadoras” e “operárias” que eram atraídas pela “luz” das “montras”, evidenciou-se, pela presença de elementos de dentro e de fora, a articulação de um espaço social de lugares marcados no qual “o poder se afirma e se exerce sob a forma mais sutil, a da violência simbólica” (BOURDIEU,1997:163). As mulheres são/eram “operárias”, “coitaditas” e “anseiam” possuir. Após cada dia inteiro de trabalho duro, ocupavam um “hiato na feira das vaidades” e, nesse espaço-tempo restrito, “a essa hora indecisa”, quando os relógios marcavam seis horas, percorriam a famosa rua do Ouvidor, em atitude constrita de adoração às vitrines como se essas fossem altares.

O “Zé-Maria”, ou a idéia de morte, estava à espreita dessas “pobres mariposas do luxo”, através da “perdição”, da “tuberculose”, da maternidade fecunda que gerava “alquebramento” ou da “hipnose” que as suntuosidades da *belle époque* tropical exibiam. Como práticas de resistência, destacamos o uso diferenciado do tempo, a faina do tempo do trabalho dando lugar à lentidão com que as raparigas caminhavam e, assim, iam estabelecendo na rua as redes de solidariedade, para olhar, desejar, comentar entre elas e... demorar a voltar para a casa, o que significava adiar o momento de enfrentar os serviços domésticos.

Dando prosseguimento a esse caminhar pela cidade do Rio de Janeiro através do discurso de João do Rio, voltamos à crônica “As Mulheres Mendigas” para encontrar o relato de uma imigrante nascida no leste europeu:

*- Ema Rosnick, nascida em Budapeste em 1874. Fui enjeitada num corredor. Os moradores levaram-me à polícia que cuidou de mim. Aos 18 anos casei com Rosnick, um debochado. Uma vez atirou-me aos braços de um amigo, a quem matou depois por questões de jogo; vim para o Brasil... Oh! Os exploradores. Estou neste estado. (RIO,1908:130)*

Ao descrever a aparência física de Ema, João do Rio revelou: “Esta mulher de trinta anos parece ter sessenta” (RIO,1908:130), para explicitar as marcas da miséria e do sofrimento nas trajetórias de mulheres pobres. Nessa mesma crônica, João do Rio apresentou um vasto número de retratos de migrantes e imigrantes, mineiras, baianas, cubanas, espanholas, italianas, ciganas, francesas, húngaras, dentre outras, cujo laço comum de identidade era uma trajetória que passava obrigatoriamente pela exploração por homens, caftens ou não, até a entrada na mendicidade em seus diversos gêneros, dos quais destacamos as “mendigas alugadas”:

*Certo caften, morador nos subúrbios, chamado Alfredo, tem por sua conta um par de raparigas – a Jovita italiana e a parda Maria. A Jovita foi, a princípio, criada; fugiu com um rapaz, abandonou-o e caiu na exploração da mendicância com o sr. Alfredo. Maria é a história de Jovita, um pouco mais escurecida. Ambas têm atestado em bela letra, dizendo as desgraças que lhes vão por casa e o cadáver à espera do caixão.*

*Como Jovita é bonita, os subscritores são tão numerosos que ela pode fazer, sem cuidado, alguns enterramentos por semana. Às 7 da noite, tomam as duas o trem na Central e quando se sentem seguidas, saltam em estações diferentes, metem-se nos bondes – tudo isso muito alegres e defendendo o sr. Alfredo com grande dedicação. (RIO,1908:127-128)*

Na citação, podemos observar que a diferença étnico-racial estabeleceu uma hierarquia social na qual a italiana Jovita era “bonita” e, por isso, auferia melhores lucros nos negócios da mendicância do que a brasileira Maria, “parda” e com uma história “um pouco mais escurecida”. Assim, a ancestralidade africana da brasileira Maria colocava-a em uma posição de subalternidade em relação à italiana Jovita, uma situação evidenciada através de nossa interpretação do discurso de João do Rio, ele próprio um afro-descendente pouco à vontade com sua condição étnico-racial.

No inventário ainda inicial de imagens dessa “vasta Babel”, constituída pelas interações entre imigrantes, migrantes e cariocas nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, e na temporalidade da virada do novecentos, demos destaque nessa comunicação àquelas imagens de mulheres marcadas por situações de risco nas relações sociais de sexo, como se elas, as mulheres, estivessem permanentemente “à espera do Zé-Maria”. Entretanto, nossa análise do discurso marcadamente masculino de João do Rio conseguiu identificar, para além da violência e da vitimização, a coexistência de práticas de resistência e não-submissão dessas mulheres que, como Jovita e Maria, buscaram novas e velhas táticas (DE CERTEAU,1994:100-101) para se equilibrarem entre as exigências sociais da sua condição feminina e da necessidade de profissionalização, projetando uma vontade de futuro menos desigual ou, quem sabe, revivendo um tempo no qual as mulheres eram ou pareciam ser “livres e honoráveis”(ENGELS,1995:56).

È tempo de concluir. O enfoque principal do nosso trabalho permaneceu sendo a questão das alteridades nas práticas e nas representações, observadas através do olhar de um *flâneur* cujo movimento de circulação entre as ruas e becos da cidade, resultou na exposição de uma modernidade em fragmentos que ultrapassava o (pre)visível campo da *belle époque*. Através da análise dos relatos de Paulo Barreto, encontramos imagens que estabeleceram um elo entre a temática das (i)migrações e a das relações sociais de sexo (FÉRRAND,2005:677-

689)<sup>7</sup>. No percurso, foi possível descobrir que as relações étnico-raciais atravessaram a “vasta Babel”; embora no discurso de João do Rio não houvesse elementos que expressassem com clareza tal questão, vislumbramos alguns indícios das tensões que marcavam as trajetórias de quem era recém-chegada, como a cubana Zoarda e a húngara Ema, e de quem, como a brasileira Maria, descendia de outros e outras que foram trazidos a essas terras em séculos anteriores para serem submetidos à escravidão.

Como “formação discursiva”, a interpretação que fizemos da “vasta Babel” é a de uma expressão que juntou a cidade e os seus habitantes. Quanto à cidade, ficamos diante de uma concepção monumental do Rio de Janeiro, tal como Babel, antiga capital do império babilônico ou, então, a contemporânea Paris, todas elas percebidas como centros políticos, culturais e econômicos em seus tempos-espacos. E com referência aos habitantes? O Rio de Janeiro foi apresentado por João do Rio como uma cidade que recebia um grande e diverso número de imigrantes, cada um(a) com sua nacionalidade, sua língua, sua trajetória, sua história.

### Referências bibliográficas:

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BARRETO, Lima. *Vida Urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1956. (Col. Obras de Lima Barreto, vol. XI).
- BOURDIEU, Pierre. “Efeitos de lugar”. In: \_\_\_\_\_ (coord). *A Miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, M. M. e AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- ENGELS, F. *Apud*: Andrea Nye. *Teoria Feminista e as Filosofias do Homem*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1995.
- FÉRRAND, Michèle. In: RIAL, Carmen, LAGO, Mara Coelho de Souza e GROSSI, Miriam Pillar. “Relações sociais de sexo e relações de gênero: entrevista com Michèle Férrand”. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, SC, 13 (3): 677-689, setembro-dezembro/2005).
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 7ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- FREITAS, Celi Silva Gomes de. *Troça e campanha no discurso de Lima Barreto: imagens urbanas das relações sociais de sexo no Rio de Janeiro da virada do novecentos*. Rio de Janeiro, RJ, 2008. 385 p. Tese de doutorado, História Política, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
- GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio: e de sua liderança na história política do Brasil*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2000.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

---

<sup>7</sup> Trata-se da temática de nossa tese de doutorado: *Troça e campanha no discurso de Lima Barreto: imagens urbanas das relações sociais de sexo no Rio de Janeiro da virada do novecentos*, defendida em 2008, sob orientação da profa. Dra. Lená Medeiros de Menezes.

McNALLY, David. “Língua, história e luta de classe”. In: WOOD, Ellen M. e FOSTER, John B. (orgs.). *Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

MENEZES, Lená Medeiros de. *Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

RIO, João do..*A alma encantadora das ruas: crônicas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura. Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, 1987.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.